

Os livros e a vida

The books and the life

Paola ZORDAN¹

Resumo

Livres digressões em torno do vivido em leituras, escrita e da paixão pelos livros pensam uma Educação fora dos livros e dos textos. Utiliza a obra *Mil Platôs*, escrita conjuntamente por Deleuze e Guattari a fim de buscar o que é liso entre os estriamentos que tecem o pensar em palavras, letras e desenhos. Desenvolve-se junto ao pensamento crítico de Nietzsche e escritores que o leram, em especial Henry Miller. A questão que deixa em aberto é a provisoriade das verdades produzidas pelas movimentações entre leitura e escrita.

Palavras-chave: Escrita. Leitura. Desenho. Códigos.

Abstract

Free digressions around lived in readings, writing and passion for books thought an Education out of texts and books. Uses *Thousand Plateaus*, written by Deleuze together Guattari with the aim to find what smooth between striations that weave think into words, letters and drafts. Develops with Nietzsche's critical thinking and writers who read him, specially Henry Miller. The question left open is the temporariness of truths produced by movement between reading and writing.

Keywords: Writing. Reading. Drawing. Codes.

1 Artista plástica, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do grupo DIF: artistagens, fabulações e variações, coordena o MALHA, coletivo poético performático atuando junto à pesquisas entre as artes e educação. Professora Associada do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Instituto de Artes, Rua Senhor dos Passos, 248, Centro Histórico, Porto Alegre/RS. CEP: 90020-180. Email: <paola.zordan@ufrgs.br>.

Viver no meio dos livros não é qualquer vida. Pois, quem vive no meio dos livros, de algum modo cresceu com eles, num mundo de palavra de escrita. Quase inconcebível, na Educação, um desenvolvimento não-livresco do conhecimento, sem linhas, sem os caracteres reconhecidos. Não é de se perguntar, então, quais os motivos dos professores não conseguirem se formar sem fazer referências, ou melhor, reverências, aos livros? Podemos bater cabeça para Nietzsche e dizer que pensar com livros é a rendição de séculos e séculos da cultura alexandrina, ocidental. Entretanto, seguir essa genealogia, não é o suficiente para explicar essa obsessão que a Idade Moderna possui pelos livros. Produto de um desejo, os livros carregam mundos, universos inimagináveis para quem ainda não os leu. Os livros são importantes porque dispõem repertórios filológicos, citações, índices de assunto. Mas isso quase sempre não é aquilo que se quer de um livro. Querer um livro é desejar ir longe. Muito além do que está escrito no texto. Junto à leitura de um texto, se viaja por paisagens, planos de imanência conceptuais, seguindo as linhas do pensamento. O que se quer de um livro, senão gozar as imagens que ele traz? Imagens que extrapolam as estrias das letras cunhadas, o ordenamento dos fonemas, a conjunção ordinária dos morfemas. O texto, manuscrito ou impresso, cria texturas, padronagens nas folhas de papel. Estriamento do vazio animal-vegetal-mineral que se preenche. Pergaminhos, papiros, pedras. Antes de extensas dissertações serem feitas, de teses serem defendidas, já se escrevia. A coisa existe porque é desenhada. Num traço que não apenas significa a vida, e sim a expressa. Linguagem? Não, apenas arte. E a arte? Não é linguagem? Não, a arte é o que torna uma vida aquilo que ela exatamente é. Nem toda vida tem arte, mas todo vivente se expressa. A linguagem não é apenas expressão da vida, e sim o código que a põe tipos de vida a funcionar. A linguagem existe enquanto desenvolvimento de uma arte, criação, uso e reinvenção de códigos, decifração de signos, necessidade. Mas nem toda decodificação é linguística. E nem toda arte depende de códigos não-verbais. Na arte há algo que nunca se situa, certa falta de foco, que incomoda toda a língua, toda linguagem. Sentimos isso quando forças indecifráveis, sem subsídio algum para serem desvendadas, perpassam os livros.

Um livro existe para perpetuar imagens. Antes, tocar num livro, pegá-lo, é abrir-se a sensação que seu suporte coloca. Texturas, cheiros, estilos diferentes em cada tipo. Antes de dar consistência a um texto, antes de abrir imagens de pensamento, os livros são superfícies de inscrição. Muito mais do que uma verdade imposta pelas palavras de ordem das máquinas estatais, os livros constituem zonas de transição que vão do âmago do povo que os criou até ao que é estranho perante o contexto de onde esse livro saiu. Mesmo com autoria, todo livro fabula um povo, até mesmo os livros de teoria, ditos *técnicos*, que apresentam todo um jeito de se olhar o mundo, cortar os corpos, mensurar a terra, classificar as coisas, calcular as variáveis, construir máquinas e edificações.

Mas, todo mundo sabe, os livros escondem coisas demoníacas. Até mesmo os livros ditos santos, se lidos do jeito errado, podiam deixar um religioso louco. Pois é, é bom notar que os livros sempre foram negócios de sacerdotes. Foram obra de rabinos, por séculos estiveram na mão dos padres da Igreja cristã. No Renascimento a prensa dá voz ao povo europeu e se torna o mecanismo que opera o ideal de nação-estado independente, sustentada por uma sociedade civil livre. Com a imprensa, a proliferação da palavra de um povo não-letrado, ávido por *Novos Mundos*, começa a produzir um outro tipo de cultura livresca, com uma palavra escrita cheia de desvios, reverberações imaginárias, fabulações profanas, moral de costumes. Toda uma cultura escrita, que atravessa o Atlântico e vem se instalar aqui, longe, muito longe das velhas bibliotecas. Numa terra cheia de europeus que nunca pisaram na Europa, mas que cultivam a mania enciclopédista de colecionar descrições para tudo o que há no mundo. E o mundo, descobre-se na Idade Moderna, é muito, mas muito vasto.

Hoje o mundo encurtou. Ainda existem padres, Igreja, mas a América está ficando velha. Talvez um pouco podre, até. E abarrotada de livros. Será essa, a nossa América? Platina... Estamos atolados de livros, a Educação existe em função dos livros. É fácil eleger uma bíblia. Mas há livros que nunca se esgotam. Que podem ser lidos mil vezes, junto com eles se pode produzir milhões de textos, pois há muitas entradas, infinitas saídas, incontáveis maravilhas. Se existe milagre, é a imagem milagrosa que um livro pode dar. Não para salvar, redimir, absolver qualquer coisa ou qualquer dor. Sim para encantar, enlevar o pensamento, fazer o corpo entrar em devires. Viver sensações jamais imaginadas. Um livro é um dispositivo de sensações. Todo livro bem escrito afecta. Pode até ser difícil demais. Mas um livro só é difícil quando não lemos, o mínimo que seja, dos outros livros que entraram, mesmo sem nenhuma citação, em sua composição. Não existe um livro sozinho. Há sempre muitos livros dentro de cada livro. Até mesmo nas bíblias. A Bíblia, chamada sagrada escritura, está cheia de livros de pedra. Eles tropejam dentro dela. Às vezes até dói, pouca gente aguenta.

Um livro que não tem outros dentro de si, carrega sensações não livrescas, lidas na superfície da terra em outros tipos de inscrições. Mais do que a poesia da matéria, um maravilhamento do mundo, ainda que assustador, ainda que dilacerante, ainda que insuportável. Há mesmo livros que funcionam como uma tragédia compacta, que se congela ao fecharmos suas páginas. Porque temos que parar, porque os compromissos chamam, porque queremos dormir. Será que presta, ler antes de dormir? Para a coluna dizem que é um horror. Para os sonhos, impacta. Um livro é fetiche. Dormimos com livros. A leitura é masturbatória. Atividade solitária, de quem se toca. E é esse tocar-se, o afecto do livro, é essencial. Ler é, então, algo maior do que qualquer obrigação. Os livros não podem ser fardos, por mais que sua leitura

seja a palavra de ordem dos professores, coordenadores, do Estado. É preciso abrir os livros que realmente se quer ler. Aqueles que, para o entendimento geral, dão tesão. Ora, e o que a gente gosta, a gente sabe, não tem muita discussão. Vale, dá alegria, enche de Vontade. Ativa a potência, porque é bom.

Essa vontade de se atirar dentro de um livro é o primeiro procedimento. Sem essa vontade, a leitura se torna um tédio. Ler não pode ser um saco. Não vale a pena seguir em frente. De repente, procurar a passagem específica, a parte necessária. Quando um livro nos toca, não queremos mais nada além de ler. Melhor coisa do mundo, estar apaixonado por um texto. Sempre há a chance de voltar às passagens de paixão. Um texto, diferente das pessoas, está sempre à disposição e jamais decepciona, mesmo quando perde sua força para nós. Quando pegamos um livro bom, é como acontecia com Henry Miller, que adia ir adiante para o livro não acabar.

Toda vez que eu estava lendo um livro e topava com um texto maravilhoso, fechava o livro na mesma hora e saía para caminhar um pouco. Eu detestava a idéia de chegar ao fim de um bom livro. Eu o fazia render, adiando o inevitável até quando pudesse. Mas sempre, quando chegava a um texto maravilhoso, parava imediatamente de ler. E saía, com chuva, granizo, neve ou gelo, para ruminar. O espírito de outros seres pode nos preencher a ponto de nos deixar literalmente com medo de explodir. Todo mundo suponha, já teve esta experiência. E esse ‘outro ser’, deixem-me observar, é sempre uma espécie de *alter ego*. Não se trata do mero reconhecimento de uma alma irmã, mas de reconhecer a si mesmo. Ver-se bruscamente frente a frente consigo mesmo! Que momento! Fechando o livro, você prolonga o ato de criação. E esse procedimento, esse ritual, devo dizer, é sempre o mesmo: uma comunicação em todas as frentes simultaneamente. Sem barreiras. Mais sozinho do que nunca, você ainda assim se vê grudado no mundo como nunca. *Incorporado a ele*. De repente, fica claro para você que, quando Deus criou o mundo, Ele não o abandonou para ir sentar-se em contemplação –em algum lugar do limbo. Deus fez o mundo e nele entrou: eis o significado da criação. (MILLER, 2005, p.46, grifos do autor).

Criar é isso: entrar num mundo. Ser possuído por ele. Personagem-paisagem, figura que desenrola um texto. Mesmo que estritamente conceitual. Mesmo na documentação formal. Foucault, o arquivista, mostra muito bem como a vida com seus personagens e paisagens freme nos documentos mundanos. Ocorrências,

cartas oficiais, registros que dão visibilidade e enunciam modos de vida. Criam-se procedimentos para larvar a vida na palavra, na certidão, nos certificados e nas certificações que o mundo moderno exige. A palavra escrita determina espaços.

Um conto fantástico quase impossível de ser escrito: o mundo amanhecendo sem nenhuma letra. Tudo igual, mas nada, nadinha escrito em lugar algum. Nem números e nem letras. Como seria viver? Só com a fala? As superfícies estariam bem mais lisas. Algumas pessoas talvez nem sentissem falta. Aqui, quase tudo perderia a sua função. A educação moderna não teria sentido. Só os professores de arte e de desportos ainda teriam seu ganha-pão. Pedagogia? Ninguém precisaria ser alfabetizado. Difícil pensar assim. No mínimo íconezinhos, pictogramas, ideogramas seriam necessários para navegar, para se ter espaço, para continuarmos com as funções contemporâneas de cada um. Não importa, qualquer traço acaba virando texto. Só que um traço faz tudo. Ele é gesto, é dança, é a ação que dá de comer. O traço não cita. Desenha, ex-cita. Experimenta mesmo. Mas, nessa experimentação vai criando um uso, funcionando de certo jeito, acabando por criar um código, derivando numa linguagem.

Abre-se um livro não para aprender um código, mas para entrar dentro de um mundo. Abre-se um livro para continuar vivendo. Abre-se um livro para se ter conceitos, sensações e experiências. Também para estabelecer funções, observar territórios, estudar esses territórios, pesquisar. Abre-se um livro para aprender coisas não facilmente codificadas.

Devido um livro ter os mesmos glifos de sempre, ligados a fonemas que compõem certas palavras, ordenadas por regras gramaticais e sintagmáticas, pode-se acreditar que naquele livro se encontrarão sempre as mesmas histórias envolventes, as mesmas explicações de pensamento, as mesmas explicações sobre a natureza e o universo. Porém, mesmo que seja o mesmo livro já lido, seus signos nunca serão os mesmos, pois cada vez que se abre um livro, cria-se uma nova superfície de sensações. Os signos que se desprendem na decodificação da superfície escritasão matérias para devir. Voar na superfície plena do plano de pensamento, adentrar no horizonte infinito para o qual se abre o livro, essa máquina produtora de imagens.

Que imagens são essas? *Imagens que constituem a matéria não quantificada do escrito.* Imagens que não estão nos grafismos fonéticos e na gramática. Esses, sim, podem ser contados, quantificados, medidos, comparados, nomeados. São os códigos da linguagem, sustentam os escritos, mas deles, nem sempre os signos desprendidos pelo texto podem ser decifrados. Embora neles se apoie, a grafia de uma escrita estranha, não decodificada, não produz nenhuma outra imagem que não a sensação gráfica dos caracteres. Essa escrita é visualidade pura, grafismo, uma paisagem indecifrável, cujo signo essencial o estrangeiro, a tenra criança e o analfabeto não conseguem extrair, pois não decodificaram o seu funcionamento.

É preciso decifrar o código, dominá-lo, operar com ele para adentrar na imagem que a escrita ergue. Os signos são as sensações que as imagens escritas compõem. Decifrar os signos de uma escrita é o que faz proceder a aprendizagem.

A criança abre um livro, páginas repletas de caracteres. Não sabe ler, mas inventa. Porque não precisa decifrar códigos para inventar imagens de pensamento, paisagens fabulosas, histórias sem começo, sem meio e sem fim. Que motivação é essa, da criança, do adulto, do analfabeto, para abrir um livro? Um livro é muito mais do que um amontoado de folhas, pergaminho a desenrolar, brochura costurando páginas ou os contemporâneos textos em tela. Trata-se de um dispositivo que dispara imagens, não imagens ilustradas, projetadas, visuais ou sonoras, gustativas, olfativas, táteis, dispostas aos olhos, aos ouvidos e outras aparelhagens orgânicas, mas imagens para se ver com a visão incorpórea do pensamento. Imagens que surgem e se misturam com todas que trazemos na memória, imagens que possuem ou não sentido, imagens que se erguem, se esvaem, são esquecidas, ainda que marquem, ainda que formem, ainda que ensinem.

O que envolve um livro, o que nos envolve num livro, é a vontade essencial de se possuir por imagens. Não porque imagens sejam consumidas, porque funcionem como uma espécie de alimento psíquico, porque dispõem signos necessários para toda e qualquer aprendizagem. Há uma necessidade demasiado humana de se preencher de imagens, como se, sem imagens, nada tivesse sentido. Precisamos criar imagens para a terra, para a existência, para o amor, para todas as sensações que atravessam o corpo e dão consistência para uma vida. Uma vida que precisa de imagens para ser pensada.

Escolher um livro é decidir que tipo de imagens se quer para compor os planos de pensamento que numa vida traçamos. Leituras obrigatórias dificilmente consistirão em imagens, a não ser que realmente o texto a ser engolido venha ao encontro das escolhas. A obrigatoriedade da leitura torna a imagem uma palavra de ordem. A leitura é, então, uma atividade torturante, um desfile de termos que passam sem erguerem algo que preste, sem afetar o leitor. Os livros só são bons, só se compõem bem a uma vida, quando devorados com verdadeiro apetite pelas imagens que seu texto desprende. Aquela vontade de devorar, aquele tesão. Há mesmo muitos livros que, por falta de signos essenciais, não conseguem criar um plano de pensamento. Estão repletos de opiniões, informações, anúncios e recortes desconectados do pensar, em nada consistem, mesmo que empanturrem os leitores de imagens consoladoras, mensagens moralistas, historinhas bonitas, finais felizes. Não inquietam, não fazem pensar. E tanta gente os escolhe, mesmo quando evidentemente descartáveis.

E ainda há os livros cujos planos de consistência tentam ser fechados e a rejeitar as inserções. São os livros de aconselhamentos e normas, cheios de instruções. Trata-se de textos legisladores. Evangelhos de autoajuda. Livros que

pretendem advogar um saber, uma lei, uma verdade, e são considerados o *Livro do mundo*, tomados como reflexo da realidade. São aqueles que Deleuze e Guattari (1995) analisam no primeiro platô dos *Mil*, as enciclopédias arborescentes, que pretendem conter o saber universal. Como se o livro, enquanto Árvore do Conhecimento, como pretensa imagem do mundo, desvendasse a natureza, a criação e o espírito divino. Tudo está lá, já foi escrito, há uma escritura dos corpos, celestes e terrestres, que tudo diz e que tudo conta, do início ao fim. Da gênese ao apocalipse. Alfa e ômega, um livro no centro.

Mesmo aí, do começo até o final, temos imagens que vão muito além do texto segmentado, composto no encadeamento de letras, palavras, frases, caracteres e sinais. Ao se abrir um livro, mesmo o de uma língua estranha, adentra-se numa superfície idiomática que, mesmo sem a decodificação de imagens, traz as regularidades da combinação de letras, do ritmo dos signos gráficos, do uso de tremas, dos acentos e da pontuação. Há nos textos a constituição de um mundo geométrico, poligonal e linear: diagramado, formatado, ainda que na dança caligráfica da mão. A escrita estria o espaço liso, branco, da folha de papel. Texturiza um silêncio pictórico. Foi Nietzsche quem mostrou o passear pelos sinuosos rios de tinta das garatujas ilegíveis. A beleza de uma caligrafia, uma *qualigrafia*, o andar de um pé que vai “firme”, livre e valente “[...] pelos campos e pela página” (NIETZSCHE, 1998, p. 233).

Mas, o que interessa num livro, em qualquer palavra escrita, não é essa paisagem estriada, esse preenchimento de linhas, por mais bela que seja a composição de todos os seus glifos. O texto existe em função de algo mais vago, aberto, jamais encerrado na grafia, no traço, na linha que se forma na superfície de inscrição. Os textos existem em função daquilo que o pensamento é capaz de imaginar. A escrita forma, num plano que corta o caos, numa imagem de pensamento, um espaço legítimo. A linguagem, com suas regras, usos gramaticais e morfemas referenciais, corta o plano para dar a legibilidade que imagem alguma possui. Há toda uma matéria segmentarizada, estriada, no funcionamento linguístico. Somente a palavra consegue dar crédito ao caos do pensamento, somente com textos a consistência de um plano consegue ser legitimada. Talvez pudesse ser de outro jeito, mas após oito mil anos de civilização cunhada na palavra, assim está sendo. Os sons, as cores, os cheiros, sozinhos, produzem imagens autistas, inaceitáveis como conhecimento, como saber, como algo digno de estudo, de pesquisa, de produção. Essas imagens não dissertam, não defendem teses, não apresentam sínteses e antíteses, aparentemente, sequer funcionam. Isso se deve ao poder do verbo, desse deus feito logos, essa preponderância da lógica, que tudo quer explicar, que a tudo precisa compreender, sempre, por meio da palavra. O que vocês fazem aqui, senão absorver um texto, consumir essas palavras para produzir outras? É possível, uma aula, um curso, uma palestra, sem palavras?

Até o pensamento que enfrenta o que é exterior ao pensado, não consegue se apartar do texto para dizer de um fora que a linguagem não abarca e onde tampouco imagens se formaram. Por isso é que “[...] nunca um livro compreendeu o fora” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36) e toda cor, toda luz na superfície, todo som e toda nota, necessitam ser escritos, transcritos, mostrados em textos. Deleuze e Guattari clamam por um livro por vir, a ser escrito, sobrenatural. Um livro que traga o fora, o impensado, o que ainda não tem imagem, tampouco pretensões. Um livro que, ao invés de proclamar o que é a vida, a divindade, a verdade, seja superfície para devires. Ao materializar planos de pensamento, em composição e consistências variadas, “[...] um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11).

O que impede que certas imagens de pura sensação se sustentem, não são exatamente as palavras e sim a construção de um conhecimento legítimo, definido pelas aparelhagens estatais e submetido ao controle burocrático das instituições produtoras de textos. É por isso que certos textos dificilmente são aceitos, tolerados, legitimados pelos Aparelhos centralizadores de poder e seus controladores despóticos, que definem quais os livros devem ser lidos e que textos podem ser publicados. Instâncias, de variadas dimensões, que regulam o uso de uma linguagem, objetiva, científica, explicativa, que comunique bem, que seja *clara*. Qualquer desvio incomoda. É tomado como *cifração*, visto como hermetismo e rechaçado das políticas editoriais.

Na escola há pouco espaço para o que é liso. O saber do livro é valorizado, é a palavra de ordem que ele propaga que se impõe como aquilo que deve ser provado, testado, aprendido. Todo livro precisa ter uma mensagem, uma lição. Enquanto livro técnico, precisa de indicativos fundamentados em referências, sob constantes revisões. Se não é técnico, pode ter utilidade para aconselhamento ou mera informação. O que sai do texto, aquilo que nele se expressa, não passa de opinião em relação a um dado assunto. Nesse debate com teor de juízo final, nada que embargue a alma. A leitura jamais é transe, gole de vida, contaminação. Se a escrita é subjetiva, só vale enquanto confissão, somente enquanto trazer alguma moral. Mas, fora da lista de indicações, no máximo funciona como estudo psicopedagógico do desvio. Porque as instituições educacionais exigem decoro científico, ilustrado, que garanta o *bom nível* de sua empreitada. Cobra-se para que o espaço estriado das divisões curriculares, a separação entre as áreas de conhecimento, sejam respeitados e a formulação de normas técnicas observadas. Quem estuda, quem lê, quem escreve sobre tudo o que se instituiu como digno de pesquisa, investigação, deve se submeter a todos esses estriamentos, a todas essas muralhas, prescrições, observações ilustradas e primazias da objetividade científica.

Vamos fazer de conta que isso não é bem assim. Afinal, a Educação privilegia a experiência do texto. A princípio, qualquer texto vale. Mesmo sobrecodificado, todo texto é escrito no espaço liso da folha em banco. É sempre a expressão de um pensamento, não original, mas singular. A perpetuação de uma pesquisa, a colocação de caminhos investigativos. Uma imagem, ainda que nada instigante, sempre é erguida. Há algo, mesmo nessas imagens, que vai além da sequência lógica de cada sentença, uma abertura que não se encerra na palavra derradeira pretendida pelo texto. De uma maneira ou de outra, o escrito se faz, com trabalho duro, esforço, persistência, correções. Nem sempre com o silêncio dos acontecimentos: pensar, fazer, criar. Somente o texto que cria, expõe planos de imanência. Cria perceptos, conceitos, prospectos e functivos, de acordo com a natureza de seu plano, artístico, filosófico, lógico ou científico. Anima personagens, paisagens existenciais, eventos incorporais. Então, é preciso discernir entre o texto que nos anima e o texto cujo plano seja desanimado. O bom é escolher por um livro cujo plano não encerre pontos de vista derradeiros. Um livro cujo plano trace linhas propícias às bifurcações. Composto de imagens que arrastam de um livro ao outro, de um autor ao outro, passando por assuntos, carregando repertórios, obrigando o pensamento a se movimentar, a trocar de planos, a experimentar combinações entre conceitos de diferentes naturezas, a estranhar a própria língua, como está sempre se dizendo, agora, depois de muito se ler Deleuze, depois de Deleuze *virar moda*.

Esses textos, cunhados por letras como todos os outros, são produções de uma ciência nômade, menor, ambulante. Não definem nada, não explicam nada. Trazem imagens potentes que nos colocam frente a mundos por descobrir. E mostram que nunca se descobre nada, a não ser que se invente. E essas invenções se acercam de tudo o que é terrível, de todos os tabus, de tudo o que os construtos religiosos, jurídicos e educacionais consideram abjeto. Nada que tenha valor científico. Sade, Michaux, Virginia Woolf, Antonin Artaud, Lawrence, Bukowski. Henry Miller. Literatura. Porque os livros que interessam são aqueles vulneráveis, sem verdade, sem pretensão nenhuma de prevalecer. Textos que, mesmo dentro dos segmentos de uma língua, trazem as partículas do caos imanente, da loucura que há em toda criação, em todo o tipo de matéria movimentando o pensamento. Com esses livros, sim, o sentimento de Nietzsche se afirma e o rufo do tambor se torna a maior de todas as eloquências.

A vontade de rufar tambores não deixa ninguém silenciar. Queremos música, dança, barulho. Queremos festa. Os livros cantam árias no pensamento. Os livros não deixam o pensamento se aquietar. Milagrosamente, silenciam as besteiras que pré-ocupam a cabeça, essas que fazem o cérebro funcionar sem gozo. Por mais indecifrável que seja um texto, ele traz o gozo inevitável das potências encerradas nas imagens, as quais ainda não se desfrutou. Gozar de livros, gostar de textos, faz diferença numa vida. Ao se inscreverem numa vida, os livros exigem que essa vida se escreva.

Talvez seja isso que impulsiona para a escrita. Todos os livros que nos povoam. É uma necessidade vital. Sem escrever morremos. É uma fome, aquela que Henry Miller, no final de *Sexus*, diz que dá a dimensão da alma. Com todas as suas conexões. Não apenas de autores, mas de artistas, de amantes, de amados. Amores que dão vontade de nos expressarmos. Não só mostrar o repertório ganho nos livros, mas traçar alguma coisa. Sabe-se que, primeiro se escreve para só depois ler. Escrita é desenho, antes de mais nada. E, se não desenharmos a paisagem que nos toca, sucumbiremos no caos.

O melhor da escrita é enfrentar a lisura do pensamento: traçar uma linha abstrata. Um recôndito. Desfazer imagens, adentrar no espaço liso, vazio, propício ao *transe*. Escreve-se por causa de uma coisa vaga, não pela necessidade de preencher o vazio, mas pela vontade de povoar o espaço branco. Encher uma folha. Mas, esse desenho não é nada sem as imagens que, uma vez decodificada a escrita, o escrever sustenta. A criança desenhescrive, desescreve, desenhaescreve, fazendo passar suas imagens. Depois, ninguém entende nada. Não importa. A brincadeira aconteceu. Isso é bom demais. Adultos, escrevemos porque precisamos expurgar tudo o que os livros e as experiências acumulam. Dizem, por aí, que o destino está escrito. A força de um *daimon*, a força de um demônio. Goethe dizia que todos os demônios são feitos de linguagem, de que outra coisa poderiam ser feitos? Os demônios, anjos caídos, deram as artes e as palavras para a humanidade. Queda sem inferno, salvação sem paraíso, movimentos de quem vive na terra, descendo e subindo escarpas, singrando mares, se perdendo dentro de bibliotecas. Não escrever é deixar de traçar a linha de uma vida. Vive-se, porque se escreve, com as mãos, com o cérebro, com a pele, com toda a palpitação da carne.

Referências

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (v. 1).

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. (v. 5).

MILLER, Henri. **Plexus**. Tradução de Sergio Flaskman. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Sexus**. Tradução de Sergio Flaskman. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Mário Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VALÉRY, Paul. Discurso em honra de Goethe. In: _____. **Variedades**. Tradução de Maiza de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 33-48.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo: as cartas que batizaram a América**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

Recebimento em: 06/02/2015.

Aceite em: 09/03/2015.